



<https://doi.org/10.51880/ho.v29i1.1663>



“Era uma oposição sindical, né?”: memórias da militância da Pastoral Operária em Betim (década de 1980)

Lucas Carvalho Soares de Aguiar Pereira

ORCID iD 0000-0001-9140-2002

Instituto Federal de Minas Gerais, Santa Luzia, Brasil

Resumo: Este texto ensaia uma hipótese sobre o problema da memória e dos sentidos do passado a partir da análise de documentos orais produzidos pelo Grupo de Pesquisa História Oral e Mundos do Trabalho do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG). O acervo público em História Oral é um excelente laboratório de análises dos processos de significação subjetiva de eventos históricos. Esta proposta investigativa busca entender o processo de construção de narrativas pessoais a partir de um evento-chave: a militância na Pastoral Operária em Betim (MG). O texto problematiza os sentidos atribuídos a esse passado recente, como a frustração, os ressentimentos, os aprendizados e as satisfações. Por fim, o artigo visa contribuir, a um só tempo, com a historiografia sobre a região industrial de Betim e com os debates teóricos metodológicos da História Oral.

Palavras-chave: Pastoral Operária; metamemória; História Oral; enquadramentos da memória.

“It was a union opposition, right?”: memories of activism in the Workers’ Pastoral in Betim (1980s)

Abstract: This paper proposes a hypothesis regarding the problem of memory and the meanings of the past through the unique approach of analyzing oral documents produced by the Research Group *História Oral e Mundos do Trabalho* of the Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG). The public Oral History collection provides a valuable laboratory for studying the processes through which historical events are subjectively interpreted. This investigative proposal seeks to understand the construction of personal narratives based on a key event: the activism in the *Pastoral Operária* (Workers’ Pastoral) in Betim (Minas Gerais). The text examines the meanings attributed to this recent past, such as frustration, resentment, learning, and satisfaction. Finally, the article aims to contribute to the historiography of Betim’s industrial region and the theoretical and methodological discussions within the field of Oral History.

Keywords: Workers’ Pastoral; metamemory; Oral History; memory frameworks.

* Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: lucas.pereira@ifmg.edu.br.

Memórias da Pastoral, formulando o problema

Interessados em entender as razões dos silêncios sobre a Pastoral Operária (PO) na historiografia e na memória social recente de Betim (MG) e do movimento operário, em 2018 participei de uma pesquisa que tinha como objetivo realizar o levantamento de documentos e narrativas sobre esse passado recente (1970-1980). A pesquisa produziu material importante com algumas reflexões sobre a história da cidade e da experiência da militância de trabalhadoras e trabalhadores, realizando quatro entrevistas que estão sob a guarda do Grupo de Pesquisa História Oral e Mundos do Trabalho do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG).¹

Em linhas gerais, a Pastoral Operária foi uma das ações da militância operária e/ou católica que emergiu no final da década de 1970, em meio às lutas pela redemocratização do Brasil. Teve atuação em diversos estados, como Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, expandindo-se como um movimento no interior da igreja católica, em meio à mudança de orientação política de crítica pública à ditadura militar (Doimo, 1995). Em 1979, em Betim, um coletivo de metalúrgicos sindicalistas, associados a lideranças religiosas, convocaram a população para a organização de uma Pastoral Operária na Região Industrial. Entre as pessoas envolvidas nesse processo, estão os senhores Françaço Marie Lewden (o Padre Chico), Mário de Castro Gonçalves (Mário Bigode) e Adriano Sandri.² Esses sujeitos, juntamente com uma série de outros trabalhadores, homens e mulheres, levaram adiante a militância pastoral para reivindicar direitos trabalhistas por alguns anos no início da década de 1980. Com idas e vindas, Mário Bigode, Padre Chico e Adriano Sandri se envolveram com os trabalhos da PO até o início da 1990, quando a organização perdeu força na região, desmobilizando-se.

A pesquisa analisou, em paralelo, parte da documentação produzida pela PO, como o boletim "Trabalho e Justiça", que publicou seu manifesto e suas reivindicações sindicais. Por questões administrativas do tempo da pesquisa, no entanto, esse primeiro

1 O Grupo de Pesquisa tem se articulado para consolidar parcerias com coletivos interessados na história da cidade de Betim. Importante citar a parceria com um projeto de História Pública denominado Memórias Migrantes em Betim, coordenado pelas professoras da rede municipal de Betim, Ana Cláudia Gomes e Otilia da Conceição Sales Neta. Entre 2021 e 2022 desenvolvemos o projeto de extensão "Memórias em Betim: organização de acervo de entrevistas", que organizou o acervo do Memórias Migrantes e promoveu eventos de devolutiva com entrevistas públicas. No momento está em desenvolvimento, em parceria com pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), um projeto sobre a vida do sindicalista José Onofre de Souza. Mais detalhes podem ser encontrados no site do Grupo de Pesquisa – Disponível em: <https://nho.betim.ifmg.edu.br/>. Acesso em: 20 mar. 2026. Este texto teve a contribuição de leitura crítica dos estudantes bolsistas e voluntários, além das colegas de trabalho, Martha Rebelatto e Paula Soares. Parte do trabalho, em 2019, contou com a colaboração do bolsista Samuel Saurino Condé. Agradeço imensamente ao coletivo do Grupo de Pesquisa e aos pareceristas anônimos pelas sugestões críticas.

2 Os dois primeiros foram entrevistados em 2019 e o terceiro entrevistado somente depois de o projeto estar finalizado. Além deles, Adelfo Francisco Gomes da Silva foi entrevistado em 2019 por ter sido atuante ao lado do frei franciscano holandês Eduardo Metz, que assinou o primeiro manifesto encontrado da Pastoral Operária em Betim em agosto de 1980.

trabalho de investigação entrevistou somente Mário Bigode, Padre Chico e Frei Adelmo, que havia sido orientado pelo Frei Eduardo Metz, religioso envolvido com movimentos sociais em Betim na década de 1970 e 1980. Na época da pesquisa, não conseguimos o contato de Adriano Sandri, que atualmente vive em Brasília.

Essa primeira investigação versava sobre os silenciamentos das ações da PO na historiografia e nas memórias dos trabalhadores e nos trouxe algumas respostas. Uma delas está nas disputas de diferentes forças políticas pela articulação no trabalho da Pastoral. A Pastoral Operária na região industrial de Betim e Contagem se colocava, de fato, não como uma ação religiosa, propriamente dita, mas como fruto de mobilização de militantes de diferentes vertentes e que tiveram o apoio dos freis franciscanos, em especial, Frei Cristóvão, que cedeu seu nome para a causa, cujo prestígio se sentia entre as populações dos bairros e favelas da região. Mas os religiosos, no início, não participaram ativamente de sua elaboração. Ela havia surgido de um jogo de forças que se opunha ao sindicalismo anterior, lido pelo grupo da Pastoral como vinculado aos interesses das grandes indústrias. Todavia, o grupo acabou encampando, ao longo do tempo, visões distintas do que seria uma pastoral e do que seria a luta sindical.³

Esse jogo de forças teve leituras e significados diferentes para os sujeitos entrevistados, seja pelo lugar de fala de cada um (Certeau, 2011), seja pela memória já construída e cristalizada no tempo. Em parte, essas diferentes visões produziram também um silêncio histórico que não permitiu refletir e trabalhar essas questões publicamente. Pudemos concluir, enfim, que o esmorecimento da luta dessa Pastoral em Betim esteve ligado às disputas políticas internas e, ao mesmo tempo, às dinâmicas políticas regionais e nacionais em torno dos novos e crescentes partidos políticos, como o Partido dos Trabalhadores (PT), cuja fundação foi oficializada em fevereiro de 1980.⁴

Para desenvolver uma nova etapa da pesquisa, definimos a princípio que seria

3 Não é escopo deste artigo estabelecer o modo como esse pequeno grupo se colocou diante do velho sindicalismo de maneira específica. Para uma análise nesse sentido, indico a tese do Michel Le Ven (1988). Mas em geral, a proposta desses militantes era que os interesses mais urgentes dos trabalhadores (como salário, condições de trabalho e estabilidade) estivessem presentes nas negociações sindicais e não fossem tolhidos por demandas patronais que ocuparam o sindicato no período anterior. Também não cabe desenvolver sobre os limites da atuação desse grupo no cenário das movimentações políticas do período, mas é importante frisar que os movimentos sociais em Betim tiveram suas divisões naquele início da década de 1980. Além do grupo da Pastoral, podemos elencar o grupo do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Comunista do Brasil (PcdoB), como exemplos de tendências políticas atuantes no período. A Pastoral Operária não era a única oposição no período, mas conseguiu se articular para a vitória na campanha sindical. Uma pesquisa sobre as tensões políticas da esquerda nesse período está em curso pelo nosso Grupo de Pesquisa.

4 É preciso lembrar que ao longo do ano de 1979 a organização política em torno de um partido ainda não estava no horizonte coletivo mais imediato dos trabalhadores e movimentos sociais. A Lei nº 6.767, que regulariza e autoriza a criação de partidos políticos data de 20 de dezembro de 1979. Certamente, ela foi fundamental para a organização partidária no início da década de 1980. Mas antes dela, a pastoral foi um modelo de organização viável para um pequeno grupo de militantes operários de Betim e região industrial.

preciso compreender melhor os ritmos e processos de construção das narrativas nesses relatos pessoais em perspectiva comparada. Ou seja, buscando cotejar as entrevistas e indagar sobre suas semelhanças e diferenças não só em termos de posicionamentos diante de determinados acontecimentos, mas também em termos de suas próprias condições de produção, problematizando, assim, as representações sociais e a relação entre identidade e memória (Candau, 2014).

Apesar de termos elaborado anteriormente um mapeamento das memórias de trabalhadores em Betim e sobre a militância na Pastoral Operária, ainda havia questões a serem desenvolvidas no processo de compreensão do problema, tais como: Quais os sentidos da descontinuidade da Pastoral Operária em Betim, justamente em um momento de grande organização política e social, como o início da década de 1980 e meados da década de 1990? Quais sentimentos emergiram nas narrativas dos entrevistados quando rememoraram os eventos relacionados à Pastoral? E como explicá-los à luz do processo histórico de formação dos partidos políticos de esquerda no período? A Pastoral teve, de fato, papel relevante na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), em meio às dezenas de outros grupos que se articularam e se organizaram em movimentos sociais e outras organizações políticas?

Tais perguntas eram inspiradoras para a escrita de um novo projeto de pesquisa até que uma reviravolta aconteceu e essas questões deixaram de ser o foco da pesquisa.⁵ Em 2022, Adriano Sandri entrou em contato com o grupo pedindo para gravar sua narrativa sobre esses eventos. Então, esses questionamentos indicados acima e as hipóteses de pesquisa foram reviradas e novas questões precisaram ser formuladas. Adriano Sandri apresentou novas informações sobre, por exemplo, como o boletim "Trabalho e Justiça" foi organizado, como se dava o funcionamento da própria Pastoral e a inserção dela em um movimento maior da luta dos sindicalistas. De certo modo, corroborou algumas conclusões, em especial a ideia já enunciada pelas entrevistas anteriores de que a origem dos conflitos da Pastoral Operária reside nessa luta pelos modelos de organização dos trabalhadores: de um lado os valores defendidos pelo diocesano Padre Chico, de outro, os valores do sindicalista Mário Bigode. O encontro com Adriano Sandri contribuiu para pensar a complexidade das relações envolvidas na constituição e na atuação da Pastoral.

5 De todo modo, uma conclusão preliminar sobre essas questões é que a Pastoral Operária serviu como uma referência para o encontro entre lideranças da greve de 1979 e para operários que participavam de movimentações coletivas e militantes da causa operária. Esse grupo encontrou apoio do Frei Cristóvão e isso teria chamado a atenção de religiosos ligados aos movimentos sociais da igreja católica, que entraram nessa disputa da Pastoral nos anos seguintes. A PO foi importante na organização da chapa que se colocou como oposição à chapa 2 para eleição da direção do Sindicato dos Metalúrgicos de Betim em 1981. A chapa 2, com integrantes do MR-8, foi identificada pela PO como uma chapa ligada aos interesses da empresa Fiat Automóveis. O que, na narrativa dos sindicalistas, teria contribuído para a vitória da Chapa de Oposição que recebeu apoio da PO, sob a presidência de José Onofre de Souza. A mobilização da Pastoral Operária após 1981 tomou outros rumos mas, em geral, o grupo e as ações da PO na Região Metropolitana de Belo Horizonte ficaram muito restritas, culminando no seu esvaziamento ao longo da década.

Esse contato foi importante para reformular as perguntas e tentar montar uma outra imagem possível desse mosaico da memória. Assim, o projeto passou a analisar as quatro entrevistas já realizadas sob a chave metodológica oralista que tende a tomar como objeto as sensibilidades consolidadas pelas e nas malhas da vida do trabalho urbano. Neste artigo, busca-se, assim, compreender a Pastoral Operária na década de 1980 e as condições para os silenciamentos e esquecimentos dessa militância em Minas Gerais. Explorei, ao longo do texto, os modos de construção da memória, focando nas representações que os sujeitos criaram sobre sua vida, sobre o mundo e sobre o passado. Assim, pretendi responder o problema da conformação dessas memórias sobre a luta pastoral, ou seja, como os sujeitos envolvidos com essa militância incorporaram suas práticas, seus objetivos, seus sonhos – ou mesmo como refutaram esses ideais, tornando-se parte de cicatrizes pessoais e sociais na história política recente. Nas linhas que se seguem, ensaiei algumas impressões desse movimento.

Questão de teoria, questão de método

Adriano Sandri procurou a equipe do Grupo de Pesquisa com interesse em “aportar” suas recordações sobre a Pastoral Operária em Betim e os trabalhadores industriais. Esse desejo se justificava por ter notado em nosso trabalho de divulgação algumas “lacunas” que segundo ele eram “naturais”. Essa questão nos remete aos problemas teóricos e metodológicos fundamentais da História Oral. As desigualdades entre os entrevistados e entre os entrevistadores são parte de todo processo narrativo em História Oral, mas como indagou Daphne Patai (1987, p. 5), “quem fica com o último pedaço do bolo”, nessa relação? Já sabemos que não se trata de tentar superar essas assimetrias estabelecidas na relação entrevistador-entrevistados, mas de indagar essas narrativas construídas a partir dessas assimetrias, para melhor compreendê-las.

Como eu, um pesquisador sem experiência sindical e sem experiência na militância católica, posso conhecer e entender a história da Pastoral Operária? Qual impacto um texto de divulgação científica tem na produção de memórias e narrativas pessoais, como no caso daquela produzida por Adriano Sandri em sua entrevista para o Núcleo de História Oral (NHO)? Quais cuidados devemos ter ao interpretar os sentimentos expressos nas narrativas pessoais? Como lidar com o processo de corporificação de traumas e cicatrizes presentes no ato de rememorar (Seligmann-Silva, 2003)? A perspectiva ética básica, desde o início da profissionalização da História Oral nas décadas de 1970 e 1980 é a do retorno aos entrevistados. Mais recentemente, uma solução interessante tem sido não mais do mero retorno, mas da partilha da autoridade da narrativa, de uma construção coletiva do conhecimento, de uma parceria entre entrevistador e entrevistados (Frisch, 2011). As subjetividades dos entrevistadores e dos entrevistados não podem ser apagadas da reflexão em História Oral. Por isso, revisitar

essas entrevistas é, também, um movimento importante de matizar as reflexões sobre os sentidos das histórias narradas: compreender os impactos dos interesses de pesquisa nas formas como os entrevistados se posicionaram e se colocaram diante das provocações realizadas no ato da entrevista. A intervenção de Adriano Sandri mudou os rumos interpretativos e as questões propostas pela pesquisa.

Desse modo, passei a indagar: quais as fontes dessa diferença em narrar a experiência pessoal da Pastoral? Analogicamente ao lugar de produção do discurso historiográfico pensado por Michel de Certeau (2011), a produção da memória também deve levar em conta esses diferentes lugares de onde se fala, bem como as diferenças do como se fala e para quem. Essas diferenciações aparecem explicitamente nas formas como cada um se apresenta e, também, nos sentidos dados aos acontecimentos, afinal, nomear o mundo é, também, criar o mundo (Bourdieu, 1982).

Estamos diante de quatro sujeitos de trajetórias completamente diferentes: François Marie Lewden nasceu no Marrocos em 1942, atuou como operário-padre na França e na década de 1970 veio para o Brasil, onde atuou na Fiat e participou da Pastoral Operária; Mário de Castro Gonçalves nasceu em Minas Gerais em 1943, fez o curso profissionalizante do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e trabalhou na indústria na década de 1960 e 1970 – onde teve experiência sindical –, atuou na Pastoral Operária na região industrial e chegou a ser da Comissão Nacional da Pastoral na década de 1980; Adriano Sandri nasceu em 1944 na Itália e formou-se como religioso, atuando em ações pastorais, e como operário na indústria, na década de 1970 desligou-se da igreja e focou em atividades industriais em Betim, atuando na organização da Pastoral Operária e, posteriormente, como professor e militante em um partido político; Adelmo Francisco Gomes da Silva nasceu em 1962 e foi estudante franciscano, tendo atuado com o Frei Eduardo Metz, um dos religiosos envolvidos com a Pastoral em Betim. Como esses sujeitos, tão distintos entre si, construíram suas representações da organização da Pastoral Operária? Como pensar a Pastoral no curso de suas vidas? Quais os significados da Pastoral marcaram suas subjetividades, suas trajetórias e sua visão política? Como essas diferentes perspectivas políticas foram lidas e representadas quarenta anos depois?

Para Rancière (1996, p. 368) a política “é antes um modo de ser da comunidade que se opõe a outro modo de ser, um recorte do mundo sensível que se opõe a outro recorte do mundo sensível”. Entre esses recortes sensíveis do mundo contemporâneo na história recente do Brasil, estava a possibilidade de construção da democracia. A década de 1980 foi o momento de explosão de movimentos e de comunidades que buscavam opor-se ao autoritarismo e construir caminhos para uma participação política ampliada. Metodologicamente, este artigo trata a Pastoral Operária em Betim como um laboratório para pensar e refletir sobre essas oposições e disputas e, também, para refletir sobre as sensibilidades políticas e sociais que se conformaram nas décadas posteriores. A História Oral pode, nesse sentido, contribuir para pensar a diversidade de entendimentos do passado, para além da tendência da homogeneização.

Quando voltei para as entrevistas já realizadas com esse aporte teórico-metodológico, uma nova visão de conjunto pode ser redesenhada na compreensão desse processo. O pensar sobre si, produzindo uma narrativa pessoal, tem sido importante objeto de investigação no campo da História Oral, possibilitando o desenvolvimento teórico e metodológico da área. Essa forma de colocar nossas cicatrizes no mundo, possibilitada pela História Oral, também pode nos ajudar a compreender melhor a história social e política num sentido mais amplo (Portelli, 1997). Isso se dá pelo fato de que a entrevista é um tipo documental que permite colocar sob perspectiva crítica nossas agências afetivas – de repulsa e de atração – no campo político e social.

As cicatrizes políticas da ditadura ainda são ressentidas no século XXI. Nas décadas de 1970, além das ações de guerrilhas, a experiência de luta de trabalhadores se deu pela retomada do processo de sindicalização, em grande medida apoiada por movimentos das pastorais católicas. Mas boa parte dessas agências coletivas de trabalhadores, desenvolvidas como alternativas políticas diante da máquina autoritária na década de 1970, se dispersou nas décadas de 1980 e 1990. Alguns desses esforços, como o caso da Pastoral Operária da Região Metropolitana de Belo Horizonte, foram absorvidos pelas lutas partidárias que se conformaram a partir de 1979 e 1980, com a criação dos partidos políticos como o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB, 1979), Partido dos Trabalhadores (PT, 1980) e o Partido Socialista Brasileiro (PSB, 1985). Os caminhos tomados pelos trabalhadores no processo de redemocratização, posteriormente, também se alinharam com as lutas anticapitalistas do final da década de 1990 e no início da década de 2000, quando as pautas sociais se colocavam contra o arrocho salarial, as privatizações e demais projetos neoliberais de financeirização da vida. Nesse sentido, a elaboração histórica desse período recente também é uma oportunidade para revisitar as cicatrizes pessoais e coletivas, reforçando ou dando novo sentido para um passado que insiste em se apresentar no nosso presente.

Metamemórias da Pastoral Operária – o que é a pastoral?

Neste tópico, trabalho com a noção de metamemória no sentido de reforçar que as memórias abordadas são parte constitutivas das identidades pessoais dos sujeitos políticos aqui analisados. O modo como Adriano Sandri constrói a ideia de sua infância é revelador de um movimento metanarrativo de construção da sua identidade (Candau, 2014), na medida em que ela evidencia um processo do pensamento sistematizado. Vejamos o trecho a seguir, demasiado longo, porém importante para pensarmos o problema. Logo na primeira pergunta, sobre seu nascimento e sua origem, ele responde:

Mas eu nasci em 1943, durante e por causa da Segunda Guerra Mundial, porque meu pai não queria voltar a fazer o soldado, porque ele já tinha feito o soldado na

Primeira Guerra Mundial. Aí, Mussolini estava decretando a chamar os homens para a Segunda Guerra Mundial em 1942. E meu pai, que já tinha 43 anos, tinha só duas filhas. Para evitar ser chamado de novo, precisava ter três filhos. E aí **eu nasci com esse objetivo, meu pai queria evitar voltar a ser soldado em uma segunda guerra mundial**. Bem encomendado! [risos] Então do espírito das guerras. E a primeira vez que eu entendi *O Capital* de Marx, foi em 1950, tinha nem sete anos. E meu pai era meeiro e estava trabalhando no quintal, limpando as uvas porque tinha ocorrido uma tempestade de granizo e muitos grãos ficaram secos. Então para poder vender, tinha que tirar grão por grão daqueles secos. Imagina que trabalho de paciência. [...] A um certo ponto aparece o dono das terras, o fazendeiro. E ele começou a falar e eu estava lá, moleque, imagina, eu não entendia nada. Num certo ponto eu vi meu pai pegar um martelo de ferro e correr atrás do patrão. O patrão era um velhinho já, que andava de bengala, largou a bengala e tudo e fugiu. E meu pai jogou o martelo em cima dele. Não pegou, mas ficou com raiva mesmo. **Aí eu entendi toda a teoria do *Capital* de Marx. O que é patrão e o que é trabalhador**. Essa é a origem da minha visão de mundo. **Muito afetiva e muito... até [traumática], porque nunca, imagina, naquela idade eu não entendia nada**, eu trabalhava com meu pai sempre na roça e acompanhava. Eu vi isso. Então, eu me defino, me [identifico] politicamente e ideologicamente como um socialista com a visão do mundo de luta de classes. **E eu tenho essa origem, para mim é o ponto de partida da minha vida, na minha visão. Muito simples, não é?** (Adriano Sandri, 2022).

Adriano Sandri traçou, a partir de elementos afetivos (doces e traumáticos), a memória dos conflitos laborais vivenciados por seu pai, como ponto de partida para sua posição política e ideológica que ele colocaria em prática anos mais tarde no movimento operário brasileiro. Aos sete anos ele não podia entender o que se passava, mas ele entendeu tudo. A potência dessa construção narrativa é a do sentido que damos, como indivíduos, à nossa trajetória pessoal, conectando passado e presente, traçando os fios de inteligibilidade da nossa existência. Diante daquele nada, o Adriano de sete anos de idade viu diante de si tudo que era capaz de explicar as diferenças de classe entre patrão e proletariado. A construção da imagem daquele evento como um conflito de classes certamente veio anos mais tarde, talvez em seus estudos seminaristas até se formar como padre em 1968. Mas o modo de narrar-se como sensível aos problemas da expropriação e exploração capitalistas desde a infância não é mero recurso discursivo da apresentação pública. É também a apresentação de um processo de ressignificação das experiências sensíveis e traumáticas, de (re)sentir de modo positivo uma experiência dolorosa da infância. Ao fazer isso, Adriano atribui à sua versão criança a sabedoria de identificar tal acontecimento como uma chave relevante para compreensão do mundo e para seu comportamento político na fase adulta.

Esse movimento de reencontro consigo mesmo surgiu a partir de uma indagação sobre a infância e a relação da família com o trabalho. Mas a explicação sugere um

trabalho anterior à própria experiência da entrevista. Ou seja, um processo psíquico prévio de pensar a si mesmo, de dar sentido à própria vida e à própria história, que está ligado ao modo como ele se coloca no mundo. Digo isso, em primeiro lugar, porque Sandri nos procurou para narrar sua visão sobre o movimento operário e sobre a Pastoral em Betim e região. Mas também porque entendo que a construção de um sentido coeso da própria existência é uma atividade humana deliberada e recorrente, além de bastante valorizada em nossa contemporaneidade. E, por isso, é significativo que ele tenha escolhido esse problema familiar envolvendo o patrão e o operário, já que ele se tornou um militante socialista na vida adulta. Se colocar desse modo em sua entrevista é uma maneira de se posicionar e de firmar sua leitura da história social do trabalho, mas também de sua história pessoal. As condições de vida da infância também foram apresentadas como pontos de partida para leitura das desigualdades sociais em outros dois entrevistados, como veremos mais adiante.

No caso do Padre Chico, o marco que deu sentido a toda sua trajetória é o trabalho pastoral em uma paróquia “no meio de famílias que estavam numa favela, que cercava o aeroporto da cidade de Bourdeaux” (François Marie Lewden, 2019). Ali ele teria aprendido a viver em condições precárias, o que teria preparado seu espírito para viver em favelas brasileiras. Ainda na França, teria se formado como padre operário, atuando em atividades laborais diversas, como a indústria do vinho e a manutenção de máquinas e caminhões. Sua vinda para o Brasil estava relacionada com projetos de cristianização e de reforço de valores católicos, ocupando espaços da vida do trabalhador como alternativa à via socialista/comunista na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda (RJ) e na Fiat, em Betim. Enquanto seu visto para o Brasil ficava pronto, ele se especializou como ajustador mecânico e fresador. Em junho de 1981, ele desembarcou em território nacional para atuar como militante na Fiat de Betim e se deparou com a organização sindical de oposição da Pastoral Operária, com a atuação de Adriano Sandri e Mário Bigode.

As tensões vividas pelos trabalhadores urbano-industriais do período são reafirmadas na reconstrução do passado, forjada por uma memória que sustenta os sentidos das posições pessoais individuais, marcando, também, posicionamentos sociais. A memória de Bigode apresenta um marcador que o diferencia desses dois religiosos. Perguntado sobre sua introdução no mundo do trabalho, ele responde:

Eu? Desde pequeno. Eu perdi o pai com 3 anos, de uma família de 7. Minha mãe é casada pela terceira vez. E eu sou filho do segundo matrimônio. Aí passamos dificuldades de infância e tudo em Sabará (MG), fiz Senai, trabalhei de jornaleiro, tropeiro, **a vida normal de menino**, depois fiz Senai e comecei a trabalhar em Belo Horizonte (Mário de Castro Gonçalves, 2019).

Na experiência de Mário Bigode o trabalho se apresenta como natural. A labuta é parte da normalidade da infância e é fundamental para a construção da materialidade da

existência infantil em comunidades periféricas em que o rural e o urbano se confluem. O trabalho na infância é o lugar privilegiado da construção da vida. Uma introdução para uma vida adulta, que também foi marcada pelo trabalho. A atuação pública de Bigode, como a luta social coletiva, se deu, desde cedo, a partir do seu lugar como trabalhador, mesmo quando atuou dentro da Pastoral Operária.

As experiências com o trabalho antes da vida adulta marcaram as vidas dos entrevistados. Frei Adelmo participou mais ativamente da Pastoral em Ipatinga (MG) nos anos 1990 e somente tangencialmente em Betim. Apesar de ser mais jovem e ter uma trajetória seminarista e franciscana, sua adolescência também foi marcada pelo trabalho e pela percepção das contradições entre trabalho e capital:

Eu comecei a trabalhar com 14 anos de idade, registrado inclusive, com negócios da família. A família do meu pai administrava a rodoviária municipal, por vinte anos, uma concessão. Então eu trabalhei ali alguns anos, depois eu fui chamado pelo meu professor de violão para ser registrado com ele como secretário e ao mesmo tempo como professor auxiliar, então eu tenho 5 anos de trabalho [...] antes de eu entrar para a vida religiosa [...]. [Meus pais,] todos os dois muito engajados na vida eclesial, vida de igreja e dentro de um período que era o período da ditadura, então a gente não ouvia falar de mundo operário, não. Não via nada de conflito de capital x trabalho, não. Naquela ocasião, eu achava até muito bonito os desfiles que eles faziam comemorando o 7 de setembro, na escola achava interessante cantar o hino nacional. **Depois que eu entrei para a vida religiosa, e lá mesmo eu percebi algumas contradições no que acontecia no governo, mas a clareza maior veio depois** (Adelmo Francisco Gomes da Silva, 2019).

Esses registros fazem parte da construção do sentido de si elaborado pelos entrevistados em suas memórias, em suas próprias histórias de vida. O trabalho como um marcador da percepção de mundo, da construção da concepção crítica da realidade. A relação com o trabalho é o mote da virada ontológica desses quatro homens, cada uma significando uma resposta para a existência: luta de classes, fé diocesana, organização sindical, vida franciscana nas pastorais. Essas respostas, presentes nas metamemórias individuais, compõem o pano de fundo das tensões sociais vivenciadas pelos trabalhadores organizados na RMBH entre as décadas de 1970 e 1980. Tais diferenças são produto do tempo: nasceram no momento de transformação dos modos de organização política na chave da repressão autoritária da ditadura militar.

Quando mencionou sua chegada a Belo Horizonte, Padre Chico demonstrou sua inquietação e insatisfação com a participação de liderança de Adriano Sandri na Pastoral Operária em Betim, mesmo ele já não sendo padre diocesano. Para Chico isso era inaceitável e reforçou isso em sua entrevista: "Quando eu cheguei eu vi que tinha o nome de Pastoral Operária, mas praticamente não tinha nenhuma relação com a pastoral tal como eu tenho concebido dela. **Era uma oposição sindical, não é?**".

O modo como ele concebeu a pastoral era que ela devia seguir a hierarquia dentro da igreja, recebendo acompanhamento de uma autoridade ligada à diocese, numa perspectiva mais conservadora da obra social católica.

Porque houve uma tentativa de confusão entre a Pastoral e o PT, e a Pastoral e a CUT [Central Única dos Trabalhadores], entende? Isso foi nacional, né? Porque participei do nascimento da CUT também. Em 1983. Foi uma tentativa de confusão. O motivo, é aí que posso esclarecer isso, o motivo para mim é que todas as pastorais, não só essa, não foram acompanhadas (François Marie Lewden, 2019).

O ressentimento de Padre Chico em relação a essa construção reside na dificuldade de conter a ação operária para além dos valores diocesanos. Mas, ao contrário dessa concepção, freis e padres antes dele atuaram em Betim e região industrial, pelo menos no nível discursivo, a partir de uma ideia de autonomia operária. O manifesto de apresentação da Pastoral Operária de Betim para a comunidade de trabalhadores no boletim “Trabalho e Justiça” é muito enfático nesse ponto:

Se nós, inspirados pela fé, queremos construir Justiça e Paz, **devemos nos unir**. Unir na luta, na reflexão sobre os problemas e na oração. Todos sabemos que em Betim a repressão é forte: ameaça de desemprego e intervenção no sindicato. Mas isso não nos [deve] amedrontar. Ao contrário: temos agora muito mais motivos de nos unir e organizar. **Como?**

A resposta deve ser dada por vocês trabalhadores. Por isso o nosso convite: converse com colegas sobre este boletim. E veja com eles o que podemos fazer para caminhar rumo à liberdade e justiça. Frei Eduardo Metz. (Pastoral Operária, 1980, grifos do autor).

Naquela edição, o Frei Eduardo Metz assinou uma convocação aos trabalhadores para que apresentassem, a partir da sua organização, soluções para as injustiças vivenciadas nas indústrias e no espaço urbano de Betim e região. O argumento da convocação estava centrado na ideia, difundida pelo papa João Paulo II em seu discurso na cidade de São Paulo naquele ano, de que a consequência da fé é lutar contra as injustiças. O texto da chamada finalizava indicando nomes de padres e seu local de atuação nos bairros operários de Betim, Contagem e Ibirité. Essa mesma edição do boletim, assim como as que se sucederam, seguia fazendo denúncias em relação às condições precárias de trabalho, moradia, saúde, salários, educação, exploração da jornada de trabalho, descumprimento das leis etc.⁶

A entrevista de Mário Bigode corrobora essa crítica elaborada por Padre Chico. As narrativas dos dois são evidências de um processo histórico de uma luta por uma

6 O boletim trazia denúncias diversas, como a jornada de 60 horas semanais com pagamentos somente de 48 horas; assédios e o problema da rotatividade – que consistia em demitir uma leva de funcionários para contratar outros por menores salários.

classificação social do mundo. A crítica de Padre Chico representa a fissura estabelecida pelo embate entre duas visões da organização política dos trabalhadores: uma em que a instituição católica dirigiria o processo, na figura do padre diocesano, e outra em que os trabalhadores decidiriam seus próprios rumos. Na visão de Mário Bigode, a Pastoral era exatamente o que Padre Chico classificava: uma organização de apoio ao sindicato dos trabalhadores metalúrgicos.

Lucas Pereira [LP] – E essa questão, o Sr. falou que era a base sindical, também existia um processo de trabalho religioso mais profundo?

Mário Bigode [MB] – Não.

LP – Entre vocês, você não acha que existia isso?

MB – Não. Existiam aqueles que eram ligados à igreja. Eu sou umbandista e ligado à igreja católica. Aí tinha um trabalho, a gente se respeitava.

LP – Pois é, porque eu achei muito curioso esse primeiro número do [boletim] Trabalho de Justiça, o próprio Frei Cristóvão convoca todas as religiões.

MB – É, todo mundo.

LP – Ele fala assim 'É todo mundo', é um trabalho..

MB – A gente tinha como trabalho dentro da igreja. Tinha o Jonas, é ateu, mas ele está sempre ligado à igreja.

LP – Sim, porque ele acredita nesse trabalho social.

MB – É, ele acredita no trabalho (Mário de Castro Gonçalves, 2019).

Em outro momento, perguntado sobre a ação da religião católica e de outras religiões nas discussões da pastoral, Mário Bigode frisou sua identidade como umbandista e reafirmou: "Nós não discutíamos. Não tinha discussão disso, não. Era a Pastoral, voltada para os metalúrgicos. Movimento sindical e tudo, **por isso que acabou**". Apesar de visões completamente antagônicas, Bigode e Chico concordam sobre o funcionamento e organização da Pastoral e sobre o seu fim. Ou seja, a Pastoral Operária era um movimento de luta operária e a condição católica era uma forma de legitimação da atuação. Claro que havia os católicos envolvidos, mas o mote do grupo não era uma vida segundo o evangelho ou segundo os ritos administrativos da igreja católica, necessariamente, mas a luta pela dignidade dos trabalhadores – o que veio a calhar com a opção pelos pobres na construção teórica da Teologia da Libertação. E essa configuração de luta teria sido exatamente a gênese do fim desse movimento, ao menos na RMBH.

Em outras palavras, a abertura política a partir de 1979, com a formalização de novos partidos políticos, e o fortalecimento dos sindicatos nas disputas políticas com as empresas tomaram o lugar do grupo de católicos que buscavam fortalecer o movimento dos trabalhadores. É preciso lembrar que há, inclusive, uma ala dentro do PT cuja base é de militantes católicos. Mas a Pastoral Operária não conseguiu se sustentar como um projeto coletivo na década de 1990, esgotando-se como movimento social na Região

Metropolitana de Belo Horizonte.

Um contrapeso interessante à dicotomia **igreja versus militância operária** é a trajetória do Frei Adelmo, que se encontrou com a Pastoral Operária no começo da sua formação teológica em um período muito pequeno, quando Frei Eduardo Metz era responsável pela Paróquia São Judas Tadeu em Betim. Suas memórias colocaram Frei Metz no centro da Pastoral. Mas sabemos hoje que Metz foi somente um articulador entre diferentes lideranças, cedendo seu nome e seu prestígio entre os movimentos populares para a organização dos trabalhadores. Inclusive, como veremos, Adriano Sandri afirmou que os textos do boletim foram escritos pelos operários e não por Metz. Mas essa atuação de Metz teve um impacto muito positivo na vida de Frei Adelmo, que mais tarde, na década de 1990, também atuou na Pastoral Operária em Ipatinga, onde o movimento operário foi bastante atuante e forte. Perguntado sobre o começo da Pastoral Operária, o frei revelou sua leitura histórica sobre os significados políticos da pastoral e sobre a confluência entre pastoral e o partido político a partir da noção de justiça:

A pastoral é a presença da igreja no mundo específico; pastoral da juventude é a presença da igreja no mundo da juventude [...] e ao mesmo tempo é o clamor do povo, é o clamor da justiça, do jovem, da terra, do sem-teto. No caso dos operários, interrogando a igreja, a pastoral tem essa mão dupla que você leva a igreja a esse mundo e ao mesmo tempo leva esse mundo para a igreja. E esse mundo conflituoso [...] e a **Pastoral Operária a mesma coisa, para você chamar a igreja para ter uma intervenção no mundo operariado, no mundo do trabalho**. O que é que acontece, as pessoas começam a participar, percebem que precisa ter uma intervenção a partir do mundo da política mesmo, ou seja, seja como vereador, ou você já pega com o prefeito da cidade, então daí surgiam pessoas que estão participando dessa relação igreja e mundo. Pessoas falaram: ‘olha, eu vou começar um partido’. É uma solução para as questões políticas a partir de um determinado partido. E naquela época estava surgindo o Partido dos Trabalhadores, então não é porque eu sou apaixonado pelo PT, pelo Partido dos Trabalhadores, mas eu **sou apaixonado pela justiça**; então pessoas que tinham senso de justiça fazem o partido nascer, acho que nasceu em 1979, 1980, lá em Betim. Aí tem as pessoas que se apresentam como uma liderança. E muitas lideranças vieram dessas comunidades, lideranças, seja dos partidos, nesse partido político em específico que estava nascendo, que é o Partido dos Trabalhadores, aliás, que estava nascendo ali em Betim, mas que estava nascendo em todos os lugares do Brasil inteiro (Adelmo Francisco Gomes da Silva, 2019).

Frei Adelmo deu um caráter político à vida religiosa, ou seja, ele interpretou a vida no evangelho como uma luta contra as injustiças vivenciadas pela classe trabalhadora. Ele identificou claramente o papel do bem e do mal nas tramas das forças políticas que

estavam em jogo na história brasileira e, mais especificamente, na história recente.⁷ Ou seja, havia indivíduos que buscavam confluir os valores da luta sindical com os valores cristãos. Frei Adelmo narrou sua vida como um religioso que associou a luta pelos direitos trabalhistas com a vida religiosa, resumida na ideia de justiça. Mas quando ouvimos seu relato, que de início relativizava o problema da divisão diocesanos *versus* sindicalistas, logo podemos perceber que ele confirma os relatos de Adriano Sandri e a hipótese de Mário Bigode: a organização da Pastoral Operária em Betim e região tinha um caráter sindical. Adriano Sandri relembra sua reação após a greve de 1979, quando lideranças sindicais foram demitidas

[...] Quando termina a missa [de 1º de maio] eu chamei toda a turma: ‘vamos lá no meu barraco’. Descemos lá no barraco, era pequeno, dois cômodos e tal, que encheu mesmo com a oposição sindical de Betim. Escuta, a gente imagina que estávamos com a greve perdida. Uma batalha perdida e a situação, e a intervenção, a gente estava perdido ‘e que tal se a gente se organizar como Pastoral Operária?’ **Eu fiz a proposta. Unanimidade. Ninguém se perguntou se era cristão ou não cristão ou espírita. Ou ateu, ninguém se perguntou. Mas todo mundo gostava da Pastoral Operária inclusive porque lá em São Bernardo o bispo tinha dado apoio para o Lula e tudo mais.** Então havia uma simpatia grande para a igreja católica. Então quando eu fiz a proposta de fazer a Pastoral Operária: unanimidade. Era umas dez, doze pessoas. Entende? Agora ninguém se perguntou se era a Teologia da Libertação, se era a igreja católica. Não. Pastoral Operária e foi naquele momento lá no meu barraco que decidiram fazer a Pastoral Operária. É. Esse é o parto (Adriano Sandri, 2022).

O parto da Pastoral se deu pelo contexto histórico favorável. Já em 1979, no processo lento de “abertura política”, representantes importantes da igreja católica no Brasil haviam se posicionado publicamente contra as torturas e a atuação da ditadura militar. O apoio de bispos às ações operárias no ABC Paulista veio acompanhado da organização católica em Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) na luta por direitos sociais. As notícias circulavam e a simpatia pelo apoio católico surgiu como uma aliança momentânea, mas sólida. A organização de trabalhadores fora do sindicato, em uma pastoral, foi uma solução emergencial, após os efeitos negativos da greve.⁸

Ainda para corroborar esse nascimento da Pastoral Operária atrelado à causa operária, sem vínculos com liturgias católicas específicas, Adriano Sandri relembrou o modo como Frei Eduardo Metz reagiu ao ser informado da proposta.

Aí imediatamente subimos na grejinha agora da Pastoral é... é... da Praça da Cemig

7 A entrevista foi realizada antes das eleições de 2018, mas os efeitos do antipetismo já estão presentes em sua narrativa, uma vez que a sociedade brasileira já estava fissurada naquela altura.

8 Após a greve de 1979, lideranças sindicais, como Bigode, foram despedidas e encontraram na organização da Pastoral Operária um caminho de organização.

[Companhia Energética de Minas Gerais] e falamos com o Frei é... Eduardo. Né? E olha o Eduardo [risos], eu lembro o que ele falou. ‘Olha, vocês podem fazer a Pastoral Operária, **vocês não peçam licença a ninguém nem a mim, vocês fazem a Pastoral Operária e tudo que vocês quiserem a gente aceita, porém não pense que a gente vai financiar vocês** porque a ideia é a seguinte: **hoje eu estou aqui e eu estou disposto a fazer tudo, mas amanhã o bispo fala outra coisa e vocês vão ficar na rua de novo. Procurem fazer o máximo possível entre vocês**’. E sendo que eu já tinha o apoio dos sindicatos italianos, dos metalúrgicos italianos. Então a questão financeira para nós não era problema. Não é? É Pastoral Operária ao sindicato, a confiança aí combinamos. Muito bem (Adriano Sandri, 2022).

Qual o significado dessa dinâmica? O gesto de Frei Eduardo Metz concedendo seu nome em apoio à Pastoral Operária funcionou como a cessão de um capital simbólico. Seu aval político possibilitou que aquele grupo de sindicalizados, saídos de uma derrota coletiva após a greve, tivesse projeção na Região Metropolitana. Foi essa autorização do frei que permitiu, por exemplo, que o grupo usasse seu nome em publicações e panfletos como no boletim “Trabalho e Justiça”. Mais do que atuar na organização do ponto de vista católico, Metz emprestou a força política de seu nome, para que o grupo da PO pudesse ter alcance junto às comunidades de trabalhadores pobres onde ele já havia atuado. Mais adiante, Adriano Sandri reafirmou esse apoio ao comentar sobre a sede da Pastoral Operária:

[...] a sede da Pastoral Operária era aí em Contagem [...], aí combinamos, a sede da Pastoral Operária era naquela igrejaíinha aí, naquelas salas aí [...], estava à disposição da gente, a gente [tinha] plena liberdade de fazer tudo. E você viu o primeiro boletim, nós preparamos o Frei Eduardo assinou ao pé da letra, os outros padres se colocaram como responsáveis uma, como se diz, um entrosamento perfeito. Sabe? Foi assim que nasceu a Pastoral Operária [...] de Betim, de Belo Horizonte, vamos dizer daquela região (Adriano Sandri, 2022).

Essa liberdade incomodou o Padre Chico. Ela está na origem da crítica que ele fez ao movimento e, pessoalmente, a Adriano Sandri. Chico revela esse ressentimento, expressando a ausência de um acompanhamento formal por parte da igreja católica das atividades da PO na Região Metropolitana. Uma questão administrativa, uma questão de poder. O problema, na visão do padre, era tratar a Pastoral Operária como organização política dos fiéis, como organização operária e não como uma ação social com acompanhamento de um padre diocesano.

François Lewden [FL] – Adriano Sandri que era italiano, jesuíta. E quando cheguei ele já não era mais jesuíta. [...] Tinha feito uma opção clara para o mundo operário. Ele intelectualmente era um rapaz muito qualificado. E ele trabalhou em Betim como operário. E foi ele, que estou sabendo, que articulou a chapa de oposição

que ganhou mais ou menos no mês de março ou abril de [19]81, que ganhou o sindicato. [...] Foi Adriano Sandri que estava atrás, né?. E que tinha experiência [...] uma ligação com os sindicatos italianos. [...] Agora, quando eu cheguei, fim de junho, eu participei da primeira reunião e participei da Pastoral Operária em Belo Horizonte. Com Adriano Sandri que foi o líder, né? Sem dúvida. E que trabalhou muito para espalhar essa pastoral em Minas. [...] Ele que articulou o nascimento da Pastoral Operária em Belo Horizonte. [...] **O problema é que o bispo naquela época era Dom João [...] que não foi consultado, nem avisado [...]** Bom, mas havia um grupo de padres [...] que apoiou bastante esse projeto. [...] E Adriano Sandri nunca acompanhava diretamente um grupo de base. [...] Não sei como ele era financiado, provavelmente pela Itália, não sei. Ele andou Minas toda, então ele chegava no lugar e estava reunindo o pessoal a partir, justamente, de oposição do sindicato, tudo isso. A partir de Dom Miguel, um padre de comunidade de base, fazia reunião com algumas pessoas e... E era um grupo de pastoral operária, batizava isso de pastoral operária. Só que não havia [...]

Lucas Pereira – Acompanhamento.

FL – Acompanhamento sério. Então, de vez em quando havia uma reunião estadual a cada, ano, talvez (François Marie Lewden, 2019).

Apesar de ter vivido sua experiência profissional como um padre-operário, sua missão maior era o sacerdócio, o trabalho da igreja. Respeitando e valorizando essa hierarquia em sua própria vida. Mas do mesmo modo que Padre Chico buscou dar sentido ao papel de Adriano Sandri na organização da Pastoral, levantando hipóteses e tentando compreender sua ação, o próprio Adriano também comentou esse conflito, atribuindo novos sentidos. Levantando novas hipóteses.

Agora, as únicas críticas é realmente esse tema do Padre Chico, as únicas restrições, mas [...] só o que sei. Lá eu nunca também me choquei com o círculo pessoalmente, ele tinha restrições com a minha pessoa não sei por que, porque eu não tenho nenhum motivo para ter. Eu digo, eu enquadro ele na minha hipótese de vida como um padre operário. **Mas ele é como padre operário [...] idealizando a igreja, eu como Adriano Sandri, minha posição sempre foi o operário de que fazer a Pastoral, não o padre.** Sempre aceitamos muito bem a atuação do Padre Miguel, do Frei Eduardo e dos outros também, Padre Pinto, olha, é, foram super, superlegais com a gente e respeitando a nossa identidade onde a gente não perguntava se era quem que era da Pastoral Operária, se era da igreja católica. Nós éramos bem abertos a tudo mais. Então uma relação extremamente positiva, não é? Mas a posição do Padre Chico é a posição dele. [...] Não concordo. Nada claramente. Mas daí não concordar e [ter] uma visão negativa, não tenho, ele fez a vida que ele escolheu fazer quando ele foi demitido ele era padre teve imediatamente a passagem para França paga pela, pela igreja católica. Eu não, quando eu precisava e pegava no meu bolso não tinha mais essa, essa, esse tipo, tipo de relação. **São**

relações possíveis é... sociologicamente é... você quer ser assim? Seja assim dentro da sua visão. Eu tinha outra visão quando eu decidi na Fiat, na FMB e fazer a vida sindicalista, eu me identifiquei como sindicalista e nada mais (Adriano Sandri, 2022).

Também é possível perceber que Chico escolheu aceitar dar uma entrevista sobre a Pastoral, pois ele já tinha uma explicação prévia desses processos e ele queria compartilhá-la para a posteridade, dar uma explicação sobre o desenvolvimento das lutas sociais ligadas à igreja e sobre seu papel como defensor dos ritos administrativos das pastorais. Ele queria reforçar o papel relevante das ações e movimentos que se mantiveram ligados a um representante diocesano e apontar as razões da desmobilização das atividades que não tiveram acompanhamento e administração pelas lideranças católicas. Por sua vez, decidiu apontar que a Pastoral era uma parceria com padres e religiosos interessados em fomentar ações de justiça e organização promovidas pelos próprios trabalhadores e sindicalizados. A definição de pastoral teria, como disse Adriano Sandri, uma diferença sociológica. Diferentes escolhas de vida, diferentes escolhas de modos de existir permitiram diferentes modos de definir os sentidos da Pastoral no seio do movimento operário mineiro das décadas de 1970 e 1980. No entanto, os sujeitos envolvidos partilham do mesmo processo de construção de sentido ao seu passado, à sua origem, à sua trajetória e ao seu presente.

Apontamentos para novas perspectivas de pesquisa

Os documentos analisados neste texto nos ajudam a pensar sobre o desenvolvimento das metamemórias individuais no sentido de perceber que cada uma das memórias analisadas se conformou a partir de grupos cognitivos diferentes (Candau, 2020). Em resumo, as experiências de vida analisadas nos permitem observar que a Pastoral Operária em Betim entre 1979 e 1984 não se constituiu como um grupo capaz de organizar uma memória coletiva. Pelo menos entre as lideranças envolvidas com a PO, percebemos que o “ponto de cognição grupal” (Candau, 2020, p. 14) se deu em outras esferas, a sindical, a socialista ou a religiosa. Os entrevistados buscaram fundar suas identidades em outras origens mais relevantes nas suas trajetórias individuais. Ou seja, a Pastoral, ao menos naquele período em Betim e região industrial, parece ter funcionado como uma experiência temporária de organização de trabalhadores, mas não fundou uma identidade nos movimentos coletivos de luta dos trabalhadores urbanos.

No nível individual, metamemória é uma modalidade de aptidão humana para meta-representação (Sperber, 2000) e metacognição (Proust; Fortier, 2018). Por um lado, é a representação que cada um de nós tem de nossa própria memória, o

conhecimento que possuímos e, por outro, o que dizemos sobre isso. A metamemória individual é uma memória que se apresenta ela mesma como um objeto, por exemplo, quando digo que tenho uma péssima memória (Candau, 2020, p. 22).

Sobre esse problema, gostaria de fazer uma digressão sobre a entrevista realizada com Mário Bigode em 2019, pois entendo que ela nos ajuda a desenvolver o argumento. Como já disse anteriormente, a vida dele se encontrou com a história, com a esfera pública, não a partir da experiência da Pastoral Operária, mas das ações coletivas de organização da classe trabalhadora entre as décadas de 1960 e 1980. Bigode iniciou sua narrativa evocando sua experiência na organização do Centro de Atualização do Trabalhador (CAT), uma oficina de aprimoramento e atualização dos trabalhadores metalúrgicos, que ministrava cursos diversos na área de elétrica e cursos de enfermagem.⁹

Bigode já havia sido entrevistado no final da década de 1990 por Carlos Roberto Horta em seu trabalho inconcluso sobre a experiência do mutirão. Ele cedeu, gentilmente, uma cópia dessa entrevista para nosso núcleo de pesquisa. Ao comparar as duas entrevistas, conseguimos perceber certa recorrência dos temas e do modo de narrar esse passado, pois Bigode também iniciou a entrevista da década de 1990 contando sobre sua experiência com o CAT na década de 1970. Essa experiência é, de fato, extraordinária! E ele tem muito orgulho desse momento de sua trajetória, que significou um processo de participação na formulação e execução de estratégias de organização dos trabalhadores diante da crise econômica e da situação de desemprego. À época, comparando as duas entrevistas, percebemos se tratar de um processo de cristalização da memória (Pollak, 1989).

Mas durante a entrevista de 2019, logo nesse início, me desestabilizei com essa “fuga do roteiro” e aproveitei muito pouco dessa fala que ele queria externalizar. Busquei voltar ao roteiro, tentando estimular e valorizar sua experiência, mas a partir desse momento houve um corte no diálogo. Errei. Tentei diversas vezes retornar ao que ele quis dizer sobre sua experiência antes da Pastoral Operária, ao mesmo tempo em que buscava entender por que razão ele era lembrado como um líder dentro da pastoral. Essa tensão resultou em um relato muito pausado, com desencontros, mas também cheio de encontros.

Ou seja, essa entrevista, com suas tensões e erros, escancarou a resistência do indivíduo que se mostrou como sujeito de sua própria história, com representações sólidas sobre sua memória. Ao final da entrevista, com o gravador desligado, Mário

9 Segundo Bigode, o público do curso de enfermagem era mulheres que atuavam na prostituição na região industrial. No CAT, a nível de informação, eram ministrados “11 cursos por ano. Elétrica de Automóveis, Adulto e Juvenil a partir dos 16 anos, Torneiro Mecânico, Ajustador Mecânico, Autoelétrica e Atendente de Enfermagem” (Mário de Castro Gonçalves, 2019) e contava com cerca 30 alunos (20 da comunidade e 10 prostitutas). A oficina funcionou desde 1980 e faliu no início da década de 1990.

Bigode confessou não se lembrar muito bem de algumas questões levantadas por conta de um problema de saúde anterior, ressaltando certo desconforto com o processo do lembrar. Fiquei me perguntando se minha intervenção não teria, em alguma medida, contribuído para um desconforto no nível da desestruturação dessa representação em sua metamemória, ou se a própria história desenrolada das décadas de 2000 e 2010 havia aberto um caminho para esses desconfortos. Talvez as duas coisas em graus distintos.

No desenrolar da pesquisa, ao longo desses últimos sete anos, o encontro com Bigode, Chico, Adelmo e Adriano, indivíduos que se colocaram à frente de processos envolvendo a atuação da Pastoral Operária, me fez perceber que a experiência dessa pastoral não construiu um discurso coletivo metamemorial. Candau (2020) pensa esse problema do ponto de vista de uma memória nacional, mas entendo que essa noção pode ser útil para analisar as identidades dos diferentes grupos políticos no Brasil da década de 1980, um país em que o nacional estava se reconstruindo, em que vezes excluídas reivindicavam participação política e direitos sociais. Em que uma metamemória coletiva era e ainda é alvo de confusão e disputa.

[...] Narrativa repetida e compartilhada de uma origem e de uma memória supostamente compartilhada, a metamemória coletiva é um metadiscorso que, como toda linguagem, tem efeitos extremamente poderosos: nutre o imaginário dos membros do grupo, ajudando-os a que se pensem como uma comunidade e, sendo altamente performativa, contribui para moldar um mundo em que o compartilhamento é ontologizado, em particular em suas formas metamemoriais (Candau, 2020, p. 23).

A Pastoral Operária não teria sido capaz de criar esse compartilhamento ontologizado da memória, diferente do que podemos visualizar nas narrativas e memórias de mulheres e homens sobre o Partido Comunista, por exemplo (Soares, 2022). A entrevista com Bigode foi o acontecimento que resumiu todo esse problema, mesmo que à época eu não tenha compreendido isso. Os erros daquela entrevista ocorreram, não estou fugindo deles, mas eles têm um significado histórico que esse texto buscou ensaiar sua compreensão. As metamemórias individuais das lideranças da PO, como tentei demonstrar, buscaram firmar suas origens e inscrever-se em outras tradições coletivas: a militância sindical, socialista, diocesana e franciscana.

As dificuldades em conciliar militância sindical e a atuação católica, expressas nas memórias do Frei Adelmo, Padre Chico, Adriano Sandri e Mário Bigode, estão relacionadas com as diferentes propostas e projetos de luta postas em jogo naquele período. Trata-se de uma “disputa” que pressupõe a necessidade de reinscrever no passado uma identidade que precisa ser reafirmada, criando uma comunidade de sentidos (Rancière, 1996). Quando uma sociedade se encontra em crise, como a atual sociedade brasileira, essas disputas emergem como espaço de reconstrução do

passado, buscando redimensionar as estratégias de gestão das memórias ditas, ou seja, as estratégias de silenciamento social (Pollak, 1989).

Nesse sentido, o desdobramento das diferentes perspectivas sobre a formação e a atuação da Pastoral Operária perpassa a pluralidade das posições e opiniões em relação a um mesmo acontecimento histórico. O caso da PO evidencia a diversidade presente em uma mesma estrutura social. Apesar de existir uma representação da memória, é a partir do tempo presente que o sujeito-entrevistado constrói novos sentidos para as suas experiências passadas. As entrevistas coletadas organizam, em termos culturais e sociais, as lembranças advindas da experiência. Os questionamentos das entrevistas permitiram que os entrevistados reafirmassem ou adaptassem as representações de suas memórias.

O enquadramento da memória, como no caso de Bigode, é um processo de busca pela legitimação de uma versão do passado (Pollak, 1992). De fato, o que encontramos nas entrevistas do acervo do Grupo de Pesquisa História Oral e Mundos do Trabalho são disputas entre diferentes enquadramentos que entram em tensão e que buscam um trabalho sobre si mesmo (Pollak, 1992). Mas há que se levar em conta que a reconstrução do passado é sempre feita pela perspectiva do presente. E que os contrastes entre memórias individuais e a memória das instituições podem nos ensinar muito sobre os significados e os impactos dos processos sociais nas vidas dos indivíduos. Esses contrastes presentes nas entrevistas analisadas contribuem para a compreensão de outras dimensões dos mundos do trabalho e de seus sujeitos sociais, os trabalhadores. Portanto, tanto as metamemórias individuais quanto as memórias coletivas são submetidas a flutuações e transformações constantes através do tempo. No contexto atual, em que foram postos em xeque os direitos trabalhistas, essa pesquisa se desenvolveu na perspectiva de legitimar os espaços da memória dos movimentos e lutas sociais em Betim, sobretudo no que tange aos operários e aos mundos do trabalho na cidade. Na esperança de contribuir para constituir uma rede interessada em discutir publicamente esse passado e essa memória, identifiquei a complexidade, a pluralidade e as tensões que marcaram essa experiência histórica. Experiência que, apesar de ter se encerrado no início da década de 1980, ainda é vivida e lida de modo plural pelos sujeitos que dela participaram.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *Ce que parler veut dire: l'économie des échanges linguistiques*. Paris: Fayard, 1982.

CANAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2014.

CANAU, Joël. Memória ou metamemória das origens? *Caderno de Letras*, Pelotas, n. 37, p. 11-30, 2020.

- CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- DOIMO, Ana Maria. *A vez e a voz popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós 70*. Rio de Janeiro: Relume-Duramá/Anpocs, 1995.
- FRISCH, Michael. From a Shared Authority to the Digital Kitchen, and Back. In: ADAIR, Bill et al. (Org.) *Letting Go? Sharing Historical Authority in a User-Generated World*. Philadelphia: The Pew Center for Arts & Heritage, 2011. p. 126–37.
- LE VEN, Michel. *Trabalho e democracia: a experiência dos metalúrgicos mineiros (1978-1984)*. 1988. Tese (Doutorado em Ciência Política) – USP, São Paulo, SP, 1988.
- PATAI, Daphne. Ethical Problems of Personal Narratives, or Who Should Eat the Last Piece of Cake? *International Journal of Oral History*, v. 8, n. 1, p. 5-27, 1987.
- PASTORAL OPERÁRIA. *Trabalho e Justiça*, ano 1, n. 2, 1980.
- POLLAK, Michel. Memória esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.
- RANCIÈRE, Jacques. O dissenso. In: NOVAES, Adauto (Org.) *A crise da razão*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 367-383.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- SOARES, Paula Elise Ferreira. Os sentidos de uma vida: negociação em torno da entrevista pública de Gilda Cosenza. In: HERMETO, Miriam; AMATO, Gabriel; DELLAMORE, Carolina (Org.). *E 68, hein? Performance narrativa em História Oral*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022. p. 37-52.

Fontes orais

- GONÇALVES, Mário de Castro [76 anos]. [jun. 2019]. Entrevistador: Lucas Pereira. Belo Horizonte, MG, 18 jun. 2019.
- LEWDEN, François Marie [77 anos]. [abr. 2019]. Entrevistador: Lucas Pereira. Belo Horizonte, MG, 23 abr. 2019.
- SANDRI, Adriano Sandri [79 anos]. [fev. 2022]. Entrevistador: Lucas Pereira. Brasília, DF; Belo Horizonte, MG, 4 fev. 2022.
- SILVA, Adelmo Francisco Gomes da [57 anos]. [abr. 2019]. Entrevistador: Lucas Pereira. Belo Horizonte, MG, 17 abr. 2019.

Recebido em 21/02/2025

Versão final reapresentada em 10/06/2025

Aprovado em 09/03/2026

Fonte de financiamento: Instituto Federal de Minas Gerais, IFMG - Bolsa de Iniciação Científica Jr.

Conflitos de interesse: nada a declarar.